A UTOPIA DOS POBRES NAS NARRATIVAS DE MIGRAÇÃO NO CEARÁ, NORDESTE DO BRASIL

por

Kênia Sousa Rios[1]

Resumo: A seca se constitue como um marco narrativo sobre a vida e os varios deslocamentos dos pobres do Nordeste do Brasil. O artigo tenta entender, portanto, o lugar de construção de uma utopia materializada na viagem e no ato de contá-la a partir de uma inconfundível familiaridade com os contos populares em que o lugar ideal é experimentado como mistério, como segredo, como fantástico. Entrecruzando os suportes da oralidade, o texto apresenta uma leitura possivel sobre o deslocamento e o desejo dos pobres.

Palavras-chave: Utopia; Oralidade; Seca; Pobres.

Abstract: The drought is constituted as a narrative mark on the life and the various displacements of the poor of Northeast Brazil. Therefore, the article tries to understand the place of construction of a materialized utopia in the travel and in the act of telling it from an unmistakable familiarity with popular tales in which the ideal place is experienced as mystery, as secret, as fantastic. Crossing the supports of orality, the text presents a possible reading about the displacement and the desire of the poor.

Keywords: Utopia; Orality; Drought; Poor.

Tenho-me dedicado já há algum tempo a pensar sobre os sentidos do deslocamento e da viagem. Estudando as narrativas de dezenas de retirantes do sertão do Ceará, e em outros suportes da oralidade, acabei observando que o ato do deslocamento tem motivações que não estão restritas à tragédia da seca. Parece possível aproximar-se de algo que seja da ordem do desejo: de encontrar o novo, a surpresa, o espanto em territórios onde a vida seja experimentada ao sabor do acaso, do enfrentamento do diferente, do medo. A viagem é composta também pelo desejo do retorno, com o sentido que Michel Serres denomina *de grande narrativa da humanidade*: sair, vagar, experimentar a separação e o abandono e se

[1] Professora Doutora do Departamento de Historia da Universidade Federal do Ceará. Pesquisadora de Historia e Estudos da Oralidade.

reconstituir no desejo de voltar e contar, para o grupo que ficou, as maravilhas e assombros vistos no mundo lá fora. Nas palavras de Serres: "Parti e esqueceram-me. Eles ficaram, eu perdi-os de vista. Abandonamo-nos às custas recíprocas. Eu pensava na altura estar a iniciar a minha volta ao mundo, quando começava muito simplesmente a minha grande viagem de regresso[2].

Em minha experiência de pesquisa, pude perceber nas narrativas sobre a migração (principalmente depoimentos orais, cordéis e contos) variados desenhos de um lugar melhor, com características de maravilhoso e utópico, como ideias que impulsionam o desejo pela viagem e que se coloca para além de simplesmente sair da miséria. Gosto de pensar nesse lugar fantástico, a partir da denominação que ele ganha nas novelas populares: *Terras do Sem Fim*.

Recorrente nos contos, as terras do sem fim fazem lembrar que o lugar que se deseja pode nunca ser alcançado, por isso mesmo, mais importante que chegar é continuar caminhando, para quem sabe (cito algumas respostas que já ouvi) *melhorar de vida, achar um sossego, deixar de sofrer, nunca mais passar fome, ter água por perto, andar de trem, conhecer a cidade, ver o mar, estudar na escola*... Mas um dia voltar para recomeçar, agora pelo ato de contar, como uma necessidade de constituir a narrativa completa da viagem, cujo final deve apresentar o desejo de retorno, ainda que isso nunca aconteça. Afinal, com a circularidade do mundo fabuloso, quanto mais distante você vai, mais próximo da origem.

Nesses anos dedicados a ouvir e coletar histórias de migração e deslocamentos diversos, coloquei-me inicialmente como escuta para possíveis sínteses. Porém o que ouvi foram historias sem a pressa do fim. Com provisórias chegadas e ao sabor de mil uma noites de aventuras experimentadas e, mais uma vez contadas...

Como nas terras do sem fim, a finalidade imediata não é a chegada e a realização material; vale ir descobrindo e desejando sempre um lugar melhor, fazendo-o real pela narrativa, pelo dito que faz existir todas as coisas.

Deixando mais claro, tenho tentado entender o lugar da construção de uma utopia, de um lugar ideal a partir das falas dos sertanejos sobre o deslocamento, a migração, a viagem e algumas formas apresentam uma inconfundível familiaridade com os contos populares que circulam no interior do Nordeste do Brasil, sobretudo aqueles em que o lugar ideal é experimentado como mistério, segredo, fantástico.

Nesse sentido, vale lembrar que As Terras do Sem Fim, mote da imagem aqui apresentada, está presente no ciclo do *Conto Maravilhoso*[3] e sugere um lugar

[2] Michel Serres, *A grande narrativa do humanismo* (Lisboa: Edições Piaget, 2009), 61.
[3] Cf. Wladimir Propp, *Morfologia do conto maravilhoso* (São Paulo: Forense Universitária, 1984).

de Fartura e Bonança. Lá, existiriam árvores gigantes, jardins e riqueza, rios de leite e pedras de cuscuz.

Assim, a Terra do Sem Fim seria o território do *outro* ou o *nunca visto*: a síntese utópica dos pobres, que esperam a boa nova das profecias ou migram em busca de uma *vida melhor*, como é o caso de João, em um conto intitulado *Abre-te Suzana*, coletado pelo pesquisador Francisco Assis de Sousa Lima, na região do Cariri cearense.

> *Contam que no meio do sertão brabo, nos confins do Ceará tinha um sujeito de nome João que era muito pobre. Onde tinha uma roda de gente ele afirmava que um dia ainda seria um Homem. Argumentava que iria mostrar pra uns tais que diziam que pobre não é homem, não é mesmo de nada. Mas ele queria ser.*
> *Passou muitos anos com aquilo na cabeça e não sabia direito como realizar o desejo de ser Homem de verdade, respeitado, menos humilhado. Para sair daquela situação de miséria, João tinha que tomar uma decisão. Aí quando foi um dia ele disse:*
> *– Sabe de uma coisa, mulher? Eu moro aqui na terra de seu Fulano, e aqui de pobre eu não passo. Pra morrer pobre não precisa de vexame, mas... Eu vou andar por aí, vou andar pelos matos, vou ver o que eu encontro por aí pra nós morar, e não ser sujeito a ninguém. Se for preciso, comer só fruta braba.*
> *A mulher:*
> *– Homem, pra onde é que tu vai? Tu não sabe que a gente é pobre, tem que ter comportamento?*
> *– É, mas já me abusei de ser pobre. Eu vou me alongar dentro dos matos e pronto.*
> *– Você num faça isso!*
> *– É, mas eu vou andar assim mesmo. Eu vou andar. Andar. Porque a gente andando, quem sabe? Cobra que não anda não engole sapo. E a gente andando pode até ser que arrume uma felicidade e eu espero ainda ter em casa.*
> *– Pois vá. Disse a mulher.*
> *João pegou um saco, botou nas costas e ganhou o mundo*[4].

[4] Francisco Assis de Sousa Lima, Conto: *Abre-te Suzan*, in *Conto Popular e Comunidade Narrativa*, Francisco Assis de Sousa Lima. (Rio de Janeiro: Funarte, 1984), 151.

As astúcias da vida cotidiana, proclamadas com a voz, lembram atos e personagens marcantes dos contos de diferentes épocas e lugares. Como uma ciranda de tempos diversos retirados da organização narrativa dos povos, desde que começaram a se contar. Onde termina uma estória e começa a outra? Isso não é realmente o que interessa, e, aliás, não há como traçar esta genealogia, e de minha parte, não tenho interesse de realizar tal tarefa.

Depois do trecho que acabo de ler, gostaria de compartilhar reflexões que fiz sobre a narrativa da migração de cearenses para seca de 1932 e para a Amazônia nos anos de 1942 e 1943. Durante esses anos, muitos Joões saíram de casa, tomaram a estrada e percorreram territórios desconhecidos. Para isso, não foi preciso apenas esforço individual. Os habitantes do sertão cearense ganharam o mundo em bandos. E ao que tudo indica, todos tinham uma mesma certeza: andar era a única forma de mudar a sorte. Ainda que fosse preciso arriscar a vida e *só comer fruta braba*.

Movidos pelo desejo de sair pelo mundo, nos anos de 1942 e 1943, os cearenses puderam aliar seus mitos e utopias a uma conjuntura local e internacional: havia uma seca em curso e, além do mais, o *mundo* precisava da borracha produzida no Brasil.

Nesse período, o trabalho que abarcaria os corpos ociosos não estava no Ceará. Ele seria feito longe, em terras pouco habitadas, na vastidão amazônica. As descrições dessas terras impulsionavam uma infinidade de narrativas fantásticas sobre o lugar da bonança. E, como é frequente nos contos, esse lugar estaria associado ao perigo e ao risco de vida. No imaginário popular, ele pode atender pelo nome de Cocanha, São Saruê ou até mesmo o Marco do Meio do Mundo (em diferentes culturas, esses nomes fazem referência a um lugar de fartura, bonança, proteção e outros elementos que compõem a utopia dos pobres do campo: para se chegar até lá, é preciso enfrentar muitos desafios e ser digno das recompensas).

De um lado o Estado incentivava a ação pátria, de outro, os sertanejos se preparavam para botar o saco nas costas e concretizar a fábula tantas vezes contada no alpendre, em noites de lua. Mas as mesmas narrativas preveniam que nem sempre era possível voltar. A advertência, contudo, não impedia a saída semanal de caminhões cheios de gente em direção ao Norte do país ou, quem sabe, em busca do sol poente[5].

Nas imagens de propaganda da Amazônia como lugar *onde tudo dá*, o Astro-Rei quase sempre está ausente. Os cartazes desenhados por Jean Pierre Chabloz

[5] De acordo com Leda Ribeiro, existe um mito helênico que narra a ideia de que o astro rei, ao se pôr a cada tarde, visita as Ilhas dos Bem-Aventurados. No dia seguinte, volta a iluminar a terra. Desse modo, o mundo farto estaria localizado para os lados do poente. Ver Leda Ribeiro, *Mito e poesia popular* (Rio de Janeiro: Funarte, 1986), 29.

sugerem uma Amazônia paradisíaca onde todos os caminhos seguem em frente. Em seus painéis, o sol não aparece a não ser em filetes de luz que atravessam a sombra das grandes árvores. Não há dúvida, o sol tórrido que mortifica o sertão ficaria para trás. Nos anúncios, o sertanejo era esperado do lado da sombra; só depois da chegada, ele perceberia que a tímida luz solar das imagens de Chabloz também podia indicar o lado sombrio das terras do Norte.

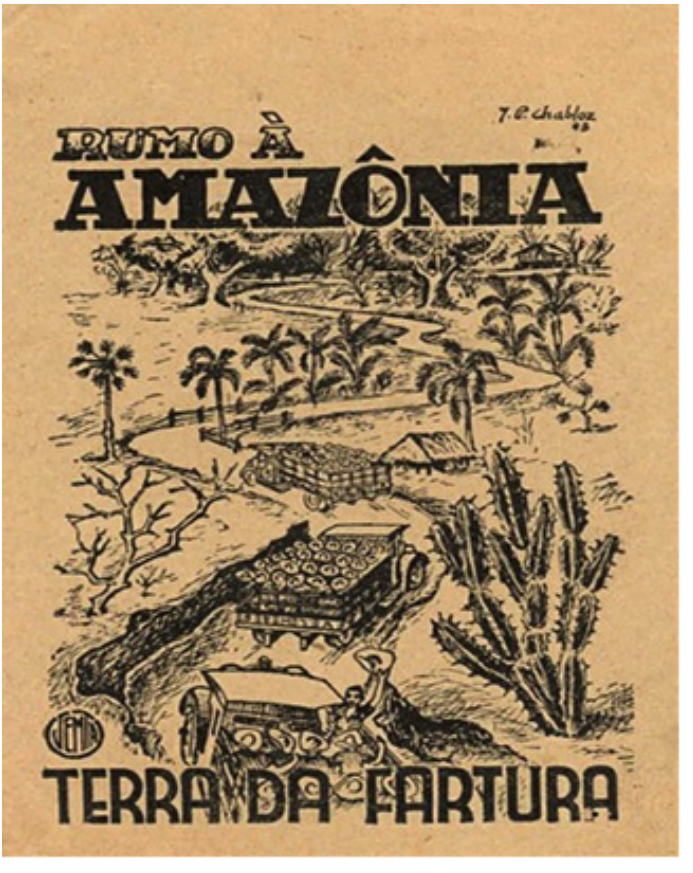

Fig. 1. Cartaz de Jean Pierre Chabloz – Campanha do Semta para arregimentação de nordestinos para o trabalho nos seringais[6].

[6] Fonte acedida a 10 de Setembro, 2018; http://www.mauc.ufc.br/acervo-colecoes/.

Fig. 2. Cartaz de Jean Pierre Chabloz – Campanha do Semta para arregimentação de nordestinos para o trabalho nos seringais[7].

No episódio anterior, configurado pelos horrores da seca de 1877, muita coisa não saiu como anunciado. Segundo alguns relatórios oficiais, aproximadamente 35 mil retirantes deixaram o Ceará entre janeiro e junho de 1878 em busca da *terra prometida*. O que não aparece de modo claro nos relatórios e relatos jornalísticos é o movimento da vida dos homens e mulheres que seguiram nessa direção. Contudo, algumas narrativas propiciam inusitadas imagens sobre *um Paraíso Perdido* no meio da Selva Brasileira.

Assim, vale destacar trechos da descrição que Euclides da Cunha faz sobre a vida dos seringueiros em fins do século XIX e início do século XX. Por uma sugestão de leitura que agora faço, o autor indicaria outros caminhos entrelaçados entre o mundo fantástico e a viagem, por exemplo, a descida ao inferno, o encontro

[7] Fonte acedida a 10 de Setembro, 2018: http://www.mauc.ufc.br/acervo-colecoes/.

com o satanás e as dívidas contraídas pela descoberta do hades amazônico. Assim escreve Euclides da Cunha:

> *[...] o homem, ao penetrar as duas portas que levam ao paraíso diabólico dos seringais, abdica as melhores qualidades nativas e fulmina-se a si próprio, a rir, com aquela ironia formidável. É que realmente, nas paragens exuberantes das héveas e castilosas, o aguarda a mais criminosa organização do trabalho que ainda engenhou o mais desaçamado egoísmo. De feito, o seringueiro, e não designamos o patrão opulento, se não o freguês jungido à gleba das "estradas", o seringueiro realiza uma tremenda anomalia: é o homem que trabalha para escravizar-se*[8].

O olhar atento do autor observa o seringueiro transformando-se no *excomungado pela própria distância que o afasta dos homens*[9]. Ele passa a ser o condenado. É o homem metamorfoseado no monstro que deveria combater; ele é o próprio Judas. Nesse caso, o sertanejo não se moveria pelo desejo de sobrevivência mas por um sentimento que o colocaria não mais nas terras do sem fim, mas nos confins da terra, uma vez que a *ambição maldita* teria como finalidade a riqueza e, nesse caso, o *pecado seria o seu próprio castigo*. Recorrendo mais uma vez a estrutura dos contos, pode acontecer que o viajante seja metamorfoseado numa espécie diferente, divina ou animal. Como assevera Seu Luiz, em uma entrevista, *lá, nós não vivia como gente, nós agora era tudo bicho.*

Nesse tempo, agricultores e outros trabalhadores do campo entravam em cena compondo a síntese do sentimento cívico e colaboracionista com as forças aliadas. Os guerreiros de histórias individuais, contadas ao sabor das fábulas populares, transformavam-se pouco a pouco em heróis de guerra, com nomes e fotos em destaque na imprensa de todo país.

O próprio órgão que administrou o chamamento e o alistamento dos cearenses para a Amazonia, o Semta, produziu sua propaganda a partir de imagens próprias das terras sonhadas, *a terra da fartura, terra da bonança*, estampavam os cartazes elaborados pelo artista plástico suíço Jean Pierre Chabloz.

E tudo indica que, de um jeito ou de outro, os alojados estavam dispostos a seguir viagem. A estadia no Pouso do Prado (lugar onde ficavam para averiguações sanitárias e físicas) significaria para muitos só o primeiro portão. Algumas narrativas e versos populares sugerem que o indivíduo deve passar por portões e

[8] Euclides Cunha, *Um paraíso perdido* (Brasília: Livraria do Senado, 2000), 127.
[9] Euclides Cunha, *Um paraíso perdido*, 174.

outros obstáculos para chegar ao céu ou aos marcos. Como propõe João Martins de Athayde, em cordel de 1958, para alcançar o Marco do Meio Mundo:

> *Tem mais que atravessar*
> *Um penhasco escalavrado*
> *Lá é o pau que mais tem*
> *Serpente de bote armado*
> *Por ser muito peçonhenta*
> *Quando bate a ferramenta*
> *O pobre está liquidado*[10].

Estava cumprida mais uma etapa até à *batalha final*, que certamente não era a da *borracha*, tampouco somente a fuga da seca. A miséria no sertão nordestino é constante e o desejo de sair dela também, mas outros sentimentos se juntam a esse, para garantir a viagem. Assim, os Joões botaram o saco nas costas porque *cobra que não anda, não engole sapo. E andando pode ser que arrume uma felicidade*.

Nas entrevistas de alguns ex-soldados da borracha, concedidas à antropóloga Lúcia Morales, a seca de 1942 e o esforço de guerra são pouco salientados como as principais causas do deslocamento. Eles lembram, como o Sr. Luís, que o *trabalho do seringueiro é caminhar*[11]. A síntese sugere que mesmo quando os nordestinos chegavam à Amazônia pouco existia o sentimento de prender-se a um lugar. Sertanejo transformado em soldado da borracha, o homem do sertão continuava errante.

Estratégia semelhante fora utilizada na seca de 1932, com o alistamento dos flagelados para lutar na Revolução Paulista. Acossados pela miséria extrema, os cearenses se alistaram para defenderem-se da sua guerra pessoal: a fome.

Mas claro, também pelo desejo da viagem, ainda que sem entender direito para onde e porque. Foi assim com Seu Cassiano da Silva que em 1932, antes mesmo de completar os 18 anos, alistou-se e foi para a guerra.

Contou-me que do Crato saíam homens, mulheres e crianças demandando as fazendas paulistanas para trabalhar nas lavouras de café. Mas, ainda não era aquele o momento de Cassiano. Não seria arrebatado pela *vergonha* da fuga. Sua viagem tinha outro enredo. Iria a São Paulo, não para servir de *escravo* nos cafezais. O anúncio a que recorria não *era Salvação para os Nordestinos*, e sim

[10] Trecho do cordel de João Martins de Athayde, intitulado: Francisco Regis Lopes, *O meio do mundo* (Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC, 2014), 123.

[11] Lúcia Arrais Morales, *Vai e vem, vira e volta: rotas dos soldados da borracha* (São Paulo: Anablume, 2002), 240.

Os Salvadores da Pátria. Sua página constituiu a dos voluntários dispostos a prestar *solidariedade ao país*, mesmo que não soubesse ao certo o que isso significava. Como ele, muitos outros optaram por este tipo de anúncio.

> – O senhor q*ueria ir para a guerra?? Eu perguntei.*
> *– Eu queria vim como eu vim. Porque tava todo mundo vindo, a gente não tinha emprego de nada. Vamo ser sordado.*
> *Então foram marcar o dia. O alistamento era lá na cadeia, então era todo mundo. Uns dois ou três ali na mesa. Quando se alistrava, recebia três miréis.*
> *Eu disse a minha mãe que tava com vontade de me alistrar.*
> *– Não, meu filho, não vá pra guerra, não! Vai é morrer.*
> *Eu disse:*
> *– Morre não. Mas eu vou.*
> *– Ah, agora eu vou!*
> *Foi chegando o dia. Todo mundo me conhecia.*
> *Como é teu nome, José Cassiano?*
> *– José Cassiano da Silva*
> *– Nome do pai? Nome da mãe? Em que ano tu nasceu?*
> *– 03 de setembro de 1914.*
> *– Ah você não vai. Você só tem 17 anos. Num pode. Dá não.*
> *Eu disse:*
> *– Num faça isso comigo, eu quero tanto ir.*
> *Ele disse, o alistador:*
> *– Eu sei que você tá com muita vontade de ir. Você tem tamanho. É magro, mas tem tamanho. Você sai por aqui e não diga que veio aqui hoje e amanhã na hora que perguntarem do nascimento...*
> *Eu disse:*
> *– Mas eu quero ir.*
> *– Você vai é morrer na guerra.*
> *– Se morrer é porque tem que morrer.*
> *Aí foi aquele choro. O pessoal na estação, todo mundo rezando. As mães dando ataque porque os filho vinha pra guerra.*
> *– Nós vamo é pra guerra. Pra São Paulo, defender vocês*[12].

[12] Kênia Sousa Rios, *Engenhos da memória: narrativas da seca no Ceará* (Fortaleza: Edições UFC, 2012), 70.

Mas infelizmente a guerra acabou antes que Seu Cassiano saísse de Fortaleza e quanta tristeza Cassiano teve que enfrentar aquela noite de ensurdecedores fogos de artificio. Enquanto todos comemoravam o fim da guerra, Seu Cassiano e amigos amargavam a interrupção da viagem. Conta com muito lamento esse trecho da viagem que não aconteceu, mas é claro, outros deslocamentos puderam ser realizados por Cassiano por causa de um objeto magico que lhe fora dado naquela circunstância: *a farda de soldado*.

Vestido ilegalmente com aquela indumentária fantástica realizou as mais incríveis peripécias e ocupou diferentes espaços de um poder desejado por ele. Viagens cujo deslocamento, mais do que físico, fez parte do uso de símbolos e do imaginário daquela população em face da roupa de poder. Mas isso é outra historia que conto em outra oportunidade.

Por enquanto, gostaria apenas de trazer a experiência e a narrativa de seu Cassiano sobre os desejos da viagem – ainda que para a guerra – e o retorno mágico para sua terra de origem. Meu intento é continuar estabelecendo conexões interpretativas entre viagem, utopia e fábula nas narrativas de migração no Ceará. Observando que nem mesmo a extrema pobreza retira desses sujeitos o desejo, a imaginação e o gosto pela da aventura.

Afinal, o nordestino, o sertanejo, o flagelado, o peregrino, o herói, o monstro, o Judas... essas denominações são faces de indivíduos com histórias em eterna marcha. Corpos inquietos e perpetuamente seduzidos pela estrada. Habitantes de lugares onde a seca, a miséria constante, a exploração, mas também a altivez, os desejos e os delírios são partes de uma vida sofrida e fabulosa. Elementos que se entrelaçam na ordem do viver encantado, de homens, mulheres e crianças que falam da luta pela sobrevivência nas formas do mundo e do além-mundo onde se experimenta a ideia de que é preciso marchar para o oeste, leste, norte ou sul, pois em algum lugar se esconde o tesouro. Mitos e sonhos se misturam ao estômago vazio para compor diferentes trajetórias, percursos, caminhos, estradas e veredas.

Para finalizar, gostaria de lembrar que o João do conto, citado no início do texto, buscava um lugar em que não fosse *sujeito a ninguém*, ou, Seu Cassiano que não deixou claro porque tanto queria ir para guerra. Não era pela ida, mas pela viagem; para garantir a volta, ainda que ela não seja física, já que o ato de narrar o que fez e viu, me parece uma forma de compor alguns retornos. São paradeiros do espaço e da imaginação, e por isso mesmo sugerem infinitas andanças. São Terras do Sem Fim. Horizonte que coloca o povo pobre sempre em marcha. Os que chegaram à Amazônia, à São Paulo, à Fortaleza, viagens mais curtas ou mais longas, talvez reconheçam que a utopia é um lugar que não existe. Por isso deve ser sempre imaginada, e a única forma de se aproximar desse lugar, que é

por principio, um não lugar, (*ainda não*, como sugere Ernst Bloch em *Principio Esperança*) é derrubar fronteiras, ocupar territórios, aproximar-se do outro, enfrentar diferenças, reconhecer semelhanças. Colocar-se em marcha, ganhar o mundo e compartilhar, com muitos, a descoberta do paraíso perdido.